

NACIONAL

Há um aquecimento acima do normal com os gastos das famílias

ENTREVISTA Luiz Carlos Mendonça de Barros

“Há desequilíbrio entre oferta e demanda”

Para ex-ministro, apesar desse quadro a economia do Brasil é muito mais normal que foi no passado. Mesmo assim o Copom deve elevar a taxa Selic nesta semana, para conter a alta de preços

LUDMILLA TOTINICK
RIO

Ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e ex-ministro das Comunicações do governo Fernando Henrique Cardoso, o economista Luiz Carlos Mendonça de Barros não tem dúvidas do que o Comitê de Política Monetária (Copom) deve fazer na reunião que começa amanhã e termina quarta-feira: deve aumentar a taxa de juros o mais rápido possível pois, o Brasil vive um desequilíbrio.

O economista-chefe da Quest Investimentos vê a atitude como única saída para impedir o aumento da inflação. Critica o governo ao ressaltar que nos dois primeiros meses do ano gastou 12% a mais que em 2007.

Gazeta Mercantil — Nesta semana o Copom define se mantém ou sobe a Selic. O que acontecerá, na sua opinião?

Vai aumentar, claramente vai aumentar. O IPCA divulgado na quarta-feira passada ficou muito acima da expectativa de mercado. Deverá ser um aumento até mais agressivo do que se esperava. A inflação estava sendo discutida de forma teórica, mas há um desequilíbrio claro entre oferta e procura dentro da economia, aquecimento acima do normal com os gastos das famílias, das empresas via investimentos e, principalmente, do governo. Isso estava muito mascarado porque o aumento da demanda tem se concentrado em bens duráveis, as importações crescem muito e, com a taxa de câmbio estável, a inflação não estava aparecendo. Esse desequilíbrio entre a oferta e a procura está começando a vazar para os segmentos de serviços. Ao longo do tempo isso iria começar a pressionar a inflação, como está acontecendo agora.

GZM — O Brasil estipulou, há alguns anos, a meta de inflação para que o País não convivesse com taxas muito elevadas, como foi comum anteriormente. A previsão não é que atinja o centro da meta de 4,5%?

No auxílio de metas da inflação há duas formas de medir as expectativas. A primeira é via o modelo econômico do Banco Central e a qual o mercado também tem acesso. Com base nele a

inflação já vinha crescendo, podendo nos próximos meses superar o centro da meta. Também tem a medição pelo IBGE, pela qual no primeiro trimestre o Banco Central estava trabalhando com o IPCA na ordem de 1,3%, mas foi de 1,5%, portanto mais alto do que se esperava. Não há dúvida de que há um processo de aumento da inflação, mas não é nada explosivo. Porém, isso obriga a não atrasar a iniciativa de aumento dos juros já na próxima reunião do Copom.

GZM — Alguns economistas ressaltam que se não fosse o feijão e a carne, a inflação estaria em 3,4%.

Se tirar todo mês tudo aquilo que subiu mais do que deveria, a inflação fica abaixo da meta. Assim não é uma forma correta de medir a variação dos preços. A inflação no Brasil é medida pelo IPCA cheio, além disso há claramente o desequilíbrio entre oferta e procura. O crescimento da demanda interna está acima da capacidade produtiva. O quadro de desequilíbrio é claro. A economia brasileira hoje é muito mais normal do que no passado. O economista tem de olhar para a economia com os olhos mais clássicos nos instrumentos de análise.

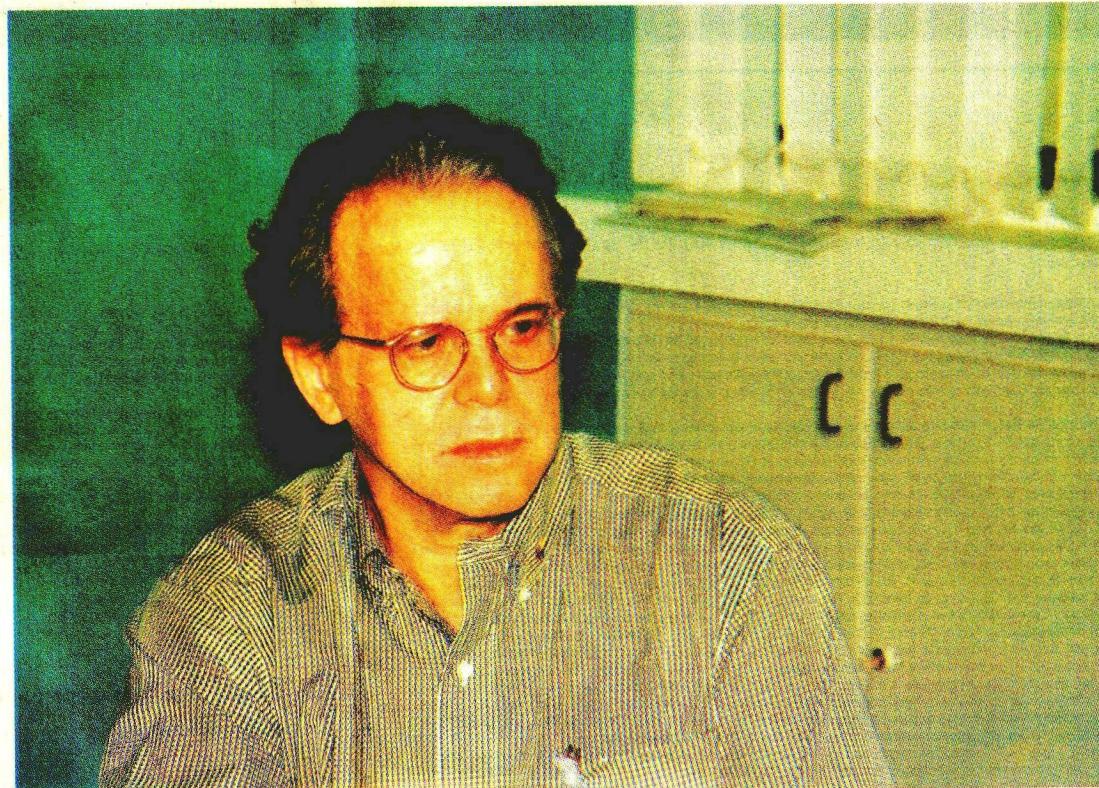
GZM — O senhor acha que a variação de preços no Brasil justifica que o País tenha uma das maiores taxas de juros do mundo?

Isso é outro problema. O problema da taxa de juros no Brasil ser muito alta tem muitos componentes. Só que neste momento o Banco Central não tem saída, ele tem de subir a taxa de juros.

GZM — Isso não torna o Brasil um país propício para os especuladores?

Não, o Brasil não é um país dos especuladores. A alta taxa de juros simplesmente o torna mais atrativo e esse é um dos mecanismos para se reduzir a inflação. Ao movimentar capital externo para cá, há a valorização da moeda. E o real valorizado tem influência sobre a inflação. É um procedimento normal em qualquer lugar.

GZM — Esse gasto não é bom? Isso faz parte da vida. A economia brasileira é uma economia normal. Sempre que houver desequilíbrio entre oferta e procura, como vivemos hoje, o Banco Cen-



Gastos do governo cresceram 12% neste ano e são um problema, diz Mendonça de Barros

tral terá de subir o juro para moderar o desequilíbrio e evitar que a inflação saia de controle. É normal, isso faz parte de qualquer economia do mundo, mas no Brasil estamos acostumados a nos queixar. No entanto, há um desequilíbrio macro da economia e o excesso de gastos aparece nos setores básicos dela, que são família, governo e empresas.

GZM — O FMI considera o câmbio valorizado uma das fragilidades do Brasil. O senhor concorda?

Não. Acho que a economia brasileira já se adaptou a essa taxa de câmbio de R\$ 1,70 e R\$ 1,75 por dólar. Teremos agora uma valorização adicional por causa do aumento dos juros, mas se o Banco Central tiver sucesso na intervenção, a taxa de longo prazo, que é a que afeta realmente a economia, vai começar a cair novamente, pois vai ser vista de novo sob controle. Não vejo nenhum grande drama nisso.

GZM — O governo anunciou um corte de gastos...

ou três meses em que talvez a Bovespa não suba muito ou oscile pouco. Mas olhando para frente, a economia está muito bem e se o Banco Central fizer o trabalho que deve fazer agora, vai implicar em mais confiança de todos daqui para frente.

GZM — O BNDES deve repassar R\$ 250 bilhões para a política industrial do governo. Algumas metas já foram divulgadas, como o aumento da participação do País no comércio exterior e o aumento da taxa de investimento em relação ao PIB. Qual sua opinião sobre isso?

O BNDES influencia muito pouco, porque a dinâmica da economia é privada e com crédito privado. O BNDES tem uma função importante, mas em certos segmentos em que é preciso ter ação mais efetiva o banco vem sendo diluído. Isso porque a economia está crescendo tanto, está ficando tão grande, que o BNDES tem efeito muito mais limitado do que no passado.

GZM — O governo Lula da Silva anunciou o PAC como um dos maiores programas de infraestrutura do País. Mas algumas obras estão paradas e outras andam lentamente. Os críticos chamam o PAC de eleitoreiro. Como o senhor avalia o programa?

Para mim o PAC é uma grande embromação, um grande programa de gastos correntes do governo e não tem nada a ver com investimentos. O PAC hoje é contra o investimento e não a favor. Grande parte desse aumento de juros que o Banco Central vai fazer é para compensar as obras do PAC. Seria muito mais fácil ter menos gastos dentro do programa e menos juros dentro do Banco Central. O governo resolveu levar adiante esse gasto nesse programa, que agora realmente virou um programa eleitoreiro no sentido de influenciar o resultado das eleições que ocorrerão em 2010. E o custo que a sociedade vai ter é juro mais alto e câmbio mais valorizado.

GZM — O senhor acredita que o Brasil vai continuar crescendo 5%, mesmo com essa taxa de inflação?

Vai crescer. Acho que neste ano cresce 5%.

GZM — Vai crescer mais e manter a inflação sob controle?

Se o Banco Central agir rapidamente, a inflação volta sob controle até o fim do ano.